

FELIPE WERNECK/ESTADÃO



Rebeldes colaboram

Separatistas pró-Rússia entregam caixas-pretas do avião da Malásia que caiu na Ucrânia e aceitam entrada de peritos estrangeiros. **INTERNACIONAL / PÁG. A10**

Rebeldes aceitam investigação sobre avião derrubado

Milicianos entregam caixas-pretas para autoridades da Malásia; trem com corpos de vítimas deixa região em direção a Kharkiv



Andrei Netto

ENVIADO ESPECIAL | DONETSK

Em um dia de forte pressão internacional sobre o governo de Vladimir Putin, separatistas pró-Rússia aceitaram no fim da noite de ontem abrir espaço ao trabalho de peritos estrangeiros para investigar a tragédia do voo MH-17, da Malaysia Airlines, que caiu no leste da Ucrânia na quinta-feira, deixando 298 mortos.

O acordo veio acompanhado da entrega das caixas-pretas do Boeing 777 às autoridades da Malásia. Em meio ao conflito armado, um trem com corpos das vítimas deixou região conflagrada na direção de Kharkiv.

O acordo entre o líder do movimento pró-Rússia República Popular de Donetsk, Alexander Borodai, e funcionários ma-

laios aconteceu depois da 1 hora da madrugada, no horário local – 19 horas de Brasília –, após uma reunião de três horas e uma entrevista coletiva marcada por acusações ao governo da Ucrânia. O anúncio de que um acordo havia sido fechado entre os separatistas e o governo da Malásia foi feito no início da noite pelo próprio primeiro-ministro malaio, Najib Razak.

Ao término, Borodai garantiu que a investigação poderá se desenrolar de forma independente, ainda que os milicianos tenham o controle da região do vilarejo de Gabrovo, onde caiu a maior parte dos destroços da aeronave. “A investigação das peças trará a verdade à tona”, disse o separatista. “Vamos entregar todas as evidências aos experts internacionais.”

A entrega das caixas-pretas, porém, não resolve o problema dos indícios apagados no local da queda do voo MH-17. Os gravadores registram dados sobre a trajetória de um avião e dos

diálogos na cabine entre a tripulação e são considerados peças cruciais em investigações de acidentes aéreos. Mas durante quatro dias milicianos, moradores da região, voluntários das buscas e até jornalistas pisotearam os dois principais sítios.

Entre a madrugada de sábado e o domingo, todos os corpos, que jaziam no chão, a céu aberto, foram retirados sem a intervenção dos peritos. Todas essas intervenções podem dificultar uma conclusão sobre se o Boeing foi ou não atingido por um disparo de míssil terra-ar. Ontem os governos dos Estados Unidos e da Ucrânia não tinham dúvida de que a aeronave foi abatida por milicianos que têm o apoio extraoficial de Moscou. Em resposta, o governo da Rússia reagiu. Putin prometeu em pronunciamento cooperar com o governo da Holanda nas

Líder europeu, no Rio, cobra a Rússia

● O presidente da Comissão Europeia (CE), José Manuel Durão Barroso, cobrou ontem da Rússia "medidas claras" para apurar responsabilidades na queda do avião da Malaysia Airlines. Durão Barroso indicou que governos europeus estudam medidas "bélicas". "Se começarmos a aceitar que aviões comerciais transportando civis podem ser derrubados por mísseis, para onde vai esse mundo?", questionou o líder europeu, acrescentando que a Rússia tem de oferecer respostas "para evitar que as consequências sejam ainda mais graves". "Há consultas entre os países, para saber se vão ser tomadas medidas mais duras." Durão Barroso falou sobre o caso duas vezes, no Rio, em palestra na Fundação Getúlio Vargas (FGV), e em almoço com empresários na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). /

ANTONIO PITA, IDIANA TOMAZELLI e VINICIUS NEDER

investigações. Mas horas mais cedo o general Andrei Kartaplov, do Estado-Maior das Forças Armadas, contestou a trajetória do voo MH-17, insinuando que as autoridades de controle aéreo ucranianas possam ter induzido o avião a sair de sua rota, transformando-se em alvo. Além disso, ele negou que o Kremlin arme os separatistas.

Em paralelo à controvérsia internacional sobre a investigação, o trem que armazenava 272 corpos de passageiros deixou ontem à noite a cidade de Torrez, a 15 quilômetros da principal região da queda, rumando para Kharkiv, cidade fora da área de controle dos separatistas. De acordo com o primeiro-ministro da Ucrânia, Arseni Yatseniuk, Kiev aceitará um eventual pedido da Holanda para assumir as investigações sobre a queda e a identificação das vítimas, que nesse caso seriam levados para Amsterdã.

Ontem, o Exército da Ucrânia realizou ataques a pontos controlados por milícias separa-

tistas em Donetsk e Luhansk. Três civis morreram na praça de um condomínio no bairro de Kuibysheva, próximo à estação ferroviária da cidade, e o balanço provisório indicava entre quatro e cinco vítimas ontem. Nas ruas, o dia foi de perigo e nervosismo. Granadas de morteiro foram jogadas em diferentes pontos da cidade.

Na estação de trens, moradores partiam da cidade com receio de combates sangrentos. "Estamos indo para Sebastopol, na Crimeia, antes de mais nada porque é mais seguro", disse Nataliya Sidorova, estudante de 21 anos. "Quero que a Ucrânia se dane", completou seu amigo, Thicov Vitalij, de 20. Já o aposentado Volodymyr Ilich, de 77 anos, garantiu que não deixará Donetsk mesmo que o conflito se intensifique. "Eu passei a 2.ª Guerra aqui, e agora vou fazer o mesmo que fiz: vou esperar", disse ele. "Minha família vive há 400 anos nessa região. Não é a terra de russos ou ucranianos. É a nossa."

* CENÁRIO: Roberto Godoy

Moscou e Kiev mantêm arsenal do míssil Buk

O Exército da Rússia mantém uma frota estimada em 350 unidades lançadoras do Buk 9k37, o míssil que os EUA acreditam ter derrubado o avião comercial da Malaysia Airlines, na semana passada. As forças regulares da Ucrânia operam ao menos 10 baterias: são 60 veículos blindados, 40 deles capazes de disparar a arma que pode alcançar alvos a 32 km de distância e a 22,5 km de altitude. O estoque total de mísseis é superior a 6 mil. Durante a crise de março, forças de deslocamento rápido foram enviadas para a fronteira les-

te pelo governo de Vladimir Putin. Um em cada quatro batalhões avançava sob proteção do sistema Buk. A Força Aérea ucraniana não interferiu. Em abril a mobilização diminuiu.

O movimento separatista consolidou posições em locais estratégicos, como Izvaryne e Donetsk. Na região, havia bases militares. Boa parte das guarnições debandou, deixando para trás armas e munições, além de equipamento pesado. Grupos de combate, formados por dissidentes, surgiram em poucos dias. Agências de inteligência ocidentais não sabem do paradeiro desse arsenal. A operação do Buk 9k37 exige treinamento, mas não muito. A arma, desenvolvida desde 1964, é robusta, precisa, guiada por dois radares na versão mais avançada e permite o acionamento mediante poucos toques.

ROBERT GHEMENT/EFE



Investigação. Especialista malaio recebe a caixa-preta de rebeldes ucraniano em Donetsk